

Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana¹

Cássia Hack²

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires³

Universidade Federal de Santa Catarina

Este estudo pretende reunir elementos conceituais e evidências empíricas que possibilitem compreender a relação da mídia nas práticas de lazer em culturas juvenis, numa perspectiva da sociologia dialética da vida cotidiana. Tem como perspectiva elaborar reflexões sobre o papel da mídia, em especial a televisão, na produção de signos, sentidos e significados acerca do lazer em culturas juvenis de uma determinada localidade regional. O dimensionamento da mídia no cotidiano juvenil pressupõe dialeticamente a presença de aspectos de recepção passiva, daí reprodutora, e momentos de subversão/transgressão, daí ressignificada, como possibilidades de resistência. Os modos de abordagem da realidade consistem em questionário, entrevistas semi-estruturadas, grupos de discussão, diário de campo e observação participante. Para a análise dos dados será adotada a metodologia de análise de conteúdo.

Palavras-chave

Esporte e Lazer; Esporte e Cultura; Mídia; Culturas Juvenis; Vida Cotidiana.

Apresentação

Este estudo pretende reunir elementos conceituais e evidência empíricas que possibilitem compreender a relação da mídia nas práticas de lazer em culturas juvenis, numa perspectiva da sociologia dialética da vida cotidiana. A mídia aqui referida, delimita o estudo a partir da televisão, hipoteticamente, por ser a mídia mais acessível. Isto posto, não extingue as possibilidades de que os encontros-campo desta pesquisa ofereçam outras descobertas.

¹ Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esporte, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestranda em Educação Física na UFSC; Membro do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, Professora da Rede Pública do Estado de Mato Grosso.

³ Professor Adjunto do DEF/UFSC, Coordenador do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva

A aproximação teórica com os estudos da mídia ampliaram os horizontes acerca da importância deste elemento na fabricação dos cotidianos. As várias formas de mídia ampliaram a capacidade humana de circular/massificar informações e (re) produzir conhecimentos, sem necessariamente acompanhar formas de reflexão sobre a mesma e os valores por ela disseminados. Parece evidente a relevância dos meios de comunicação enquanto indústria midiática na contemporaneidade, dado o seu poder de alcance e a sua força para formar e constituir teias sociais de pensamentos, hábitos e modos de vida. A mídia enquanto objeto de estudo, tomada pelo enfoque de prática sócio-cultural, permite uma análise, interpretação, compreensão e intervenção de forma a permitir um exercício efetivo de cidadania através da recepção crítica, autônoma e seletiva, instrumentalizando o meio para os propósitos que proporcionam esta formação. Dada as características e valores produzidos e veiculados pela mídia, faz-se necessário a investigação sobre os efeitos da mesma nas condições sócio-educativas, percebendo a urgência de construir parcerias de intervenções pedagógicas entre a mídia e a escola, sinalizando outras formas de consumo além da absorção massificada produzida pelos meios de comunicação.

Na medida em que a tecnologia contemporânea acelera os processos de produção e permite usufruir do tempo fora do trabalho, o ser humano poderia dispor deste para outras atividades. Desta forma, o lazer ganharia espaço na vida das pessoas. Ao mesmo tempo em que se complexifica este entendimento na sociedade administrada, diminui crescentemente as possibilidades de trabalho o que não implica em melhor ou maior tempo de lazer, já que não existem as condições mínimas de saciedade das necessidades vitais. O lazer só é entendido como tempo oposto ao tempo de trabalho ainda que esta oposição seja compensatória/funcionalista.

Da capacidade midiática de reificar e mercadorizar aspectos das culturas, o lazer se faz perceber como produto vendável a ser conformado para o consumo, direcionando de tal modo o tempo livre das pessoas que seu aproveitamento resulte em lucros. O lazer enquanto mercadoria é produzido pela necessidade do mercado e não das pessoas, daí a possibilidade de consumidores passivos, desumanizados e subordinados a um efeito cíclico da Indústria Cultural com sua promessa de felicidade.

Neste sentido, as manifestações do lazer enquanto fenômeno social tem, a cada dia, maior incidência no modo de vida das pessoas e na conformação de grupos sociais. A relação Mídia e Lazer, pela perspectiva de Culturas Juvenis, parece relevante para diagnosticar a construção das teias sociais, o que contribui qualitativamente na reflexão

dos valores e comportamentos adotados numa sociedade de consumo, produzida pela industrialização da cultura.

Assim, formula-se a seguinte pergunta de partida que move a pesquisa neste momento dimensionando o trabalho:

- Como os jovens de uma determinada localidade regional vêm a mídia quanto à formação de suas práticas culturais de lazer?

Pressupõe-se dialeticamente a presença de aspectos de recepção passiva, daí reprodutora, e momentos de subversão/transgressão, daí ressignificada como possibilidades de resistência.

Partindo do pressuposto que, os fatos científicos são constituídos necessariamente a partir de nossa concepção de estrutura social e do que nela acontece, este estudo se apóia no paradigma sociológico dialético de análise da vida cotidiana, que dado o seu caráter de reflexão da práxis, se põe em vigilância constante, sem restringir o problema/problemática que move a pesquisa, à dogmas científicos. O estudo da vida cotidiana pode revelar a teia de elementos interdisciplinares ou supra-disciplinares que envolvem a contemporaneidade vivida numa escola, em culturas juvenis que refletem e ressignificam a sociedade de consumo, a Sociedade do Espetáculo, a Indústria Cultural em suas práticas de lazer. A pesquisa é um momento neste cotidiano e é vista como um processo contínuo mas não linear.

O quadro teórico-metodológico adotado ultrapassa uma única filiação ao pensamento científico, para ampliar seus horizontes e aprofundar aspectos que são constitutivos do cotidiano, com possibilidades que não se excluem mas juntas criam condições de elaborar um conhecimento provisório sobre o pesquisado. Para o trato de Culturas Juvenis expresse os sujeitos da pesquisa que são alunos e alunas da Escola Estadual “Onze de Março” no município de Cáceres/MT, a única instituição exclusiva de ensino médio no município.

As dimensões e complexidades do lazer e da mídia nas realidades das culturas juvenis não se encerram superficialmente em um trabalho. Dado este caráter da não simplificação e do não esgotamento do assunto será aplicado um questionário para aglutinar elementos que possibilitarão delinear o perfil dos pesquisados e pesquisadas (aspectos de classe, raça/etnia, gênero, religião, período de estudo, hábitos, preferências e outros). A partir deste levantamento de dados, serão organizados grupos para entrevistas semi-estruturadas que permitam uma construção flexível e esclarecedora da investigação conservando o caminho e abrindo possibilidades de diálogo em suas pequenas trilhas. Estes

grupos, se ampliarão, na seqüência, para grupos de discussão, abarcando assim o posicionamento, argumentação e síntese dos participantes quanto a temática proposta.

Ocorrerão observações noutros espaços e tempos da escola de forma a perceber e recolher informações na interação social, enriquecendo os dados emergidos dos grupos. Se houver permissão para filmar/gravar os grupos de entrevistas, estas serão transcritas de forma a facilitar o processo descritivo, analítico, interpretativo e na compreensão dos dados. O diário de campo será adotado como forma de registro de observações e reflexões, elaboradas a partir dos elementos da realidade e do referencial teórico deste trabalho, numa perspectiva de processo dialético, aguçando os sentidos e sensibilidades da pesquisadora. Para análise do material colhido será utilizada a metodologia de análise de conteúdo.

Desta forma, estes modos de saber-fazer-sentir se propõe a compor uma dissertação de mestrado.

Reflexões Introdutórias sobre Mídia, Lazer e Culturas Juvenis

Pretendo desenvolver as primeiras aproximações aos grandes conceitos propostos nesta investigação, ou seja: Mídia, Lazer e Culturas Juvenis, tecendo a narrativa de um primeiro olhar, ainda curioso, sensível aos possíveis encantos de uma reflexão que necessita de mais elementos e elos conectivos/relacionais para um aprofundamento teórico.

Aproximações com A Mídia

Mídia - palavra aportuguesada do inglês *Media*, adotando a sua pronúncia. Origina-se do latim *Media*, forma plural de *Medium* = meio. Aplicada ao campo da comunicação social, é associada ao fenômeno de *massa*, sendo portanto também uma simplificação da expressão original em inglês *mass media*, ou meios de comunicação de massa. (cf. Pires, G. L.; Hack, C. Verbete Mídia In: Werneck, C. (org.) Dicionário Crítico de Lazer - no prelo). É um termo utilizado para designar diferentes aspectos, ora conjunto de meios de comunicação de massa, veículos, recursos ou técnicas ou ainda o “conjunto de empresas (e cada uma delas) que produz e mercadoriza informação, entretenimento e publicidade” conforme Pires (2002 p. 34). A literatura propõem ainda diferentes conceituações e classificações conforme a filiação teórica.

Neste trabalho, adoto a versão da vertente crítica, em que

a mídia pode ser compreendida como uma indústria – a indústria midiática – que produz, veicula e determina “mercadorias” ou bens culturais banalizados para o consumo, funcionando como o principal braço operacional da Industrial Cultural. (Pires, G. L. ; Hack, C.)

Desta perspectiva, se faz necessário aproximar dois outros conceitos da teoria crítica que ajudam, em certa medida, refletir e compreender esta realidade – Indústria Cultural e Semicultura.

Indústria Cultural e Semicultura

O conceito de *Indústria Cultural* foi divulgado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento*. Para eles, a indústria cultural, ao pretender a integração vertical dos seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, determina o próprio consumo. Preocupada com as pessoas apenas enquanto consumidoras, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, assim como cada um dos seus elementos, às condições que representam seus interesses.

O conceito indústria cultural é apropriado para identificar a mercantilização da cultura, a gestação de uma sociedade de consumo, que revela a perda de autonomia na produção cultural por parte da audiência dos meios de comunicação e funciona a partir de uma promessa que nunca será cumprida. A pobreza da experiência a partir da apropriação tecnológica colabora com a necessidade da integração, da identificação com o existente. O excesso de informação e carência/ausência de esclarecimento – uma disfunção narcotizante – estimula a perpetuação/continuidade de seres não emancipados. Transformam repetição em reconhecimento e reconhecimento em aceitação.

A indústria cultural oferece o produto cultural integrado à lógica do mercado e ainda impõe um novo ritmo ao consumidor. Cada um dos produtos da indústria cultural é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o começo mantém tudo sobre pressão tanto no trabalho, quanto no lazer que lhe é semelhante.

Quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, mais fortemente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirando-lhes até o divertimento pois o lazer nada mais é do que uma revitalização das energias para o trabalho vindouro, um tempo também controlado de consumo dirigido, ou seja, uma experiência degradada, um engano.

Dadas as características da indústria cultural, ou seja, as transformações contemporâneas, a facilidade com que os efeitos se alargaram denotam a procedência da Teoria da Semicultura, em que a degradação da experiência se deu ao nível do cotidiano, pois, a semiformação cultural é a “contraparte subjetiva da indústria cultural” (Adorno, 1996, p. 388).

A indústria cultural – produtora e disseminadora de cultura, sobretudo e profundamente, da cultura danificada – em particular, é fator de dominação do sujeito e

auxiliará de forma idiossincrática na reprodução do capitalismo tardio. Ao apontar esta questão, faço, brevemente, uma retrospectiva do papel da cultura. A cultura, que em tempos de ascensão da burguesia, se consolidava como elemento diferenciador e enriquecedor do espírito emancipado, torna-se, no capitalismo tardio, elemento com sentidos diferentes. Nos tempos de luta do proletariado pela tomada do poder e consolidação do socialismo, desconfiava-se que os trabalhadores estariam deformados culturalmente, ou melhor, que haveria um déficit de cultura, dificultando a tomada de consciência da situação de exploração e alienação vivida pelos trabalhadores. A cultura e sua apropriação pelos indivíduos representava, então, a possibilidade de ruptura com o estado alienado em que permaneciam os trabalhadores e com a exploração em relação aos proprietários dos meios de produção.

A cultura, pelos grilhões da indústria cultural, se aproxima cada vez mais do sujeito, porém, agora, não como elemento de formação, mas como item fortalecedor e incentivador da integração à sociedade administrada. A indústria cultural, ao produzir cultura única e exclusivamente para o consumo imediato, visando o lucro, a destituiu de seus fatores imanentes de autonomia, esclarecimento e experiência formativa.

Cultura transformou-se, no seio da indústria cultural, em elemento transmissor de uniformidade e passividade. Imobilizou-se como cultura do ajuste, privando as pessoas da dimensão utópica e humana. Travou e recalcou os aspectos emancipatórios contidos em seu interior. Neste ínterim, os indivíduos estão inseridos no processo de produção material da sociedade não mais como sujeitos portadores de um “déficit de cultura”, como no início do século XX, mas como portadores e consumidores de uma cultura danificada pela mercadorização banal: uma semicultura, uma cultura reificada que não mais confere ao ser humano uma dimensão formativa, uma formação cultural plena, uma educação para a sensibilidade e reflexão, mas uma adaptação complacente ao real, uma não-reflexão sobre ele, uma semi-formação.

Neste contexto, torna-se primordial refletir as culturas juvenis no interior de uma sociedade em que existe essa figura poderosa da cultura danificada, ou seja, a voz ensurdecidora da indústria cultural com suas imagens sedutoras, que dirige as pessoas manipulando as suas necessidades.

Aproximações com o Lazer

As expressões lazer, tempo livre, tempo de não trabalho são utilizadas como sinônimos e referem-se ao tempo em que o sujeito tem para si, livre de outras atividades, e possa usufruí-lo da forma que lhe convier. Mas é necessário encontrar um termo que

transcenda a definição de tempo livre, tempo de não trabalho, lazer já que estes estão implicados em uma vertente que reproduz e legitima a ordem produtiva e daí substituí-lo pelo sentido de cultura lúdica que não compreende um caminho funcionalista, uma ação compensatória e utilitarista do tempo de não trabalho que justifica a existência de um tempo social fragmentado, ainda que estas expressões sejam utilizadas neste texto.

Delimitando a noção de Lazer

Os gregos foram os primeiros a inventar um tempo social chamado *scholé*, ou seja, um tempo em que se trabalhasse⁴ pouco e utilizasse todo o tempo livre para dedicar-se ao culto do corpo e do espírito. O termo *scholé* significava, simultaneamente, lazer e educação de si mesmo isto para a sociedade de cidadãos livres e não para os escravos. Essa noção de lazer estava desvinculada da estrutura técnico-econômica que a sustentava pois a sociedade grega não estava tecnologicamente preparada para liberar o trabalho escravo e dos imigrantes, apenas os cidadãos livres poderiam usufruir deste tempo.

Ao distinguir duas dimensões na vida: a séria, assentada no trabalho e no dever, de forma a dignificar a pessoa que a assume, e a lúdica, assentada no prazer que é vista como sinônimo de vício, daí não quista, nesta perspectiva o lazer é um prenúncio de vida desregrada. Santo Agostinho, no séc. IV d.C., já alertava para os perigos das brincadeiras infantis.

Paul Lafargue em 1883 no seu manifesto “O direito à Preguiça” rechaça a paixão ao trabalho pois para ele o socialismo se daria mais no tempo livre do que no trabalho. Recrimina a reivindicação do direito ao trabalho a qualquer custo, em suas palavras:

uma estranha loucura dominou as classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Essa loucura traz como consequência misérias individuais e sociais que há séculos torturam a triste humanidade. Essa loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda que absorve as forças vitais do indivíduo e de sua prole até o esgotamento. (...) Jeová forneceu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal, depois de seis dias de trabalho, repousou a eternidade. (Lafargue, 2003, p. 20 e 21)

O lazer pode tornar-se um distintivo social quando do consumo ostentatório como mostrou Veblen, em 1899 no seu texto Teoria da classe ociosa. As diferentes posições no espaço social, correspondem estilos de vida, uma retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência conforme Bourdieu (1983, 82).

Uma definição clássica acerca do Lazer é a de Joffre Dumazedier que via o tempo de lazer como produto de duas revoluções modernas; de uma revolução técnico-científica que permitiu ao trabalhador produzir mais com menor tempo de trabalho, e de uma revolução ético-estética que colocou os valores do lazer como nova referência para o

⁴ O trabalho aqui se resumia a obrigações familiares, espirituais e políticas.

cotidiano e mesmo para as instituições de base da sociedade. Ele afirma ainda que o lazer é composto de

um conjunto de atividades desenvolvidas pelos indivíduos seja para o descanso, seja para o divertimento, seja para o seu desenvolvimento pessoal e social, após cumpridas suas obrigações profissionais, familiares e sociais podendo se entregar de livre vontade e de forma desinteressada (1980 p. 19).

Conforme Ribeiro (in Padilha, 2000 p. 59), o lazer pode ser “algo necessariamente cansativo, cheio de vícios do capital e de obrigações semelhantes ao trabalho” sendo então conceitos contraditórios, pois aquilo que é desinteressado e livre não pode ser obrigatório nem induzido, mesmo que sutilmente.

Já Mascarenhas (2003) afirma que

no momento histórico o lazer é tomado como uma problemática social, constituindo-se enquanto objeto de estudos e intervenções de diversas instituições – estatais e privadas- , o que o situa entre os vários espaços de vivência, criação e recriação da cultura. Neste sentido, parece haver uma certa concordância de que o lazer se apresenta como lugar de experimentação valorativa em que a estética, a ética e a política articulam-se como dimensões que acabam por tornar impossível qualquer iniciativa de dissociá-lo da educação. (p. 13)

Deste aspecto podemos afirmar que o lazer compõem a formação humana numa dimensão integral e como Padilha (2000, p. 55) aponta, há duas perspectivas para se refletir o lazer: sobre os prismas do tempo e da atitude.

Adorno (2002) em seu texto sobre o tempo livre afirma que este exerce um fascínio sobre as pessoas. “Nem em seu trabalho, e nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade” (p. 112). Para ele, as atividades fora do tempo de trabalho são tão sérias quanto, são momentos que compõem a integralidade da sua existência, ainda que se considere um privilegiado, pois de outra forma serviria apenas para matar o tempo e contribuir para a bárbarie pois “a rígida divisão da vida em duas metades enaltece a coisificação que entrementes subjugou quase completamente o tempo livre”. (p. 116).

Silva (2003) afirma que

não se pode confundir a noção antiga e medieval de ócio com o lazer moderno (...). O lazer, da forma como é concebido hoje, não é mais ócio, um tempo par o exercício da liberdade, da formação cultural e crítica e fonte de aprendizagem social para a emancipação dos sujeitos, mas um tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias. (p. 197).

A era industrial, com sua escala de produção, criou uma sociedade de consumo. O tempo de lazer é cada vez mais orientado pelas práticas e valores do universo midiático, especialmente da televisão.

Como bem afirmou Belloni (2001, p. 68) “Exercer um olhar sempre atento e crítico ... e até mesmo desligar esta máquina muito especial e ir viver a vida em vez de ficar vendo a vida passar na telinha”.

Aproximações com as Culturas Juvenis

A atenção voltada aos jovens tem aumentado nos últimos anos no Brasil. A academia, com seus estudos a cerca dos sistemas e instituições presentes nas vidas jovens (família, escola, sistemas jurídicos e penais e etc), ou as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas”. As instituições governamentais ou não, tem se dedicado à juventude com serviços sociais. Nos meios de comunicação de massa, televisão, rádio, mídia impressa e outros, há uma torrente de produtos específicos para o público jovem (os cadernos *teen* nos jornais, programas de auditório na televisão, os programas musicais nas rádios e tv, revistas de comportamento, moda e aconselhamento, na internet além dos portais, *chats* específicos e etc). Segundo Abramo (1997, p. 25) há uma divisão nos modos de tematizar os jovens nos meios de comunicação: 1) no caso dos produtos diretamente dirigidos a este público, os temas são cultura, comportamento: música, moda, estilo de vida, esporte, lazer; 2) quando os jovens são assunto dirigidos aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogas, as medidas para dirimir ou combater tais problemas. Desta tematização da mídia sobre a juventude, surge a hipótese de que a mesma elabore o roteiro do tempo de lazer da maioria dos jovens.

Há uma necessidade de focar os jovens, a juventude a partir dos seus próprios modos de viver e elaborar essas situações, considerando-os com suas experiências, percepções e formas de sociabilidade e atuação.

Definindo Culturas Juvenis

As definições de juventude transitam por dois critérios principais, que, a princípio, não se conciliam: o critério etário e o critério socio-cultural.

Podemos, segundo Groppo (s/d,7), definir a juventude como uma categoria social, sendo mais que uma faixa etária e classe social.

Ao definir como categoria social, a juventude

torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (Groppo, s/d, p.7 e 8)

Trata-se, então, não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que tem importante influência nas sociedades modernas.

As culturas juvenis são inseparáveis do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação sobre os costumes e os comportamentos, ou seja naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo.

Correntes Teóricas da Sociologia da Juventude

“A corrente geracional toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de fase de vida, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude.” (Pais, 1993, p.37). O quadro teórico desta perspectiva baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações. Desta forma, os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são vistos como disfunções dos processos de socialização, na maioria dos casos, e estão na base de formação da juventude como uma geração social que difere da geração biológica (intervalo de tempo que abrange o número médio de anos que decorrem entre um certo ano e aquele em que nascem os filhos dos indivíduos) e da geração demográfica (simples agregado estatístico de indivíduos cujas idades se situam dentro de certos limites) (Pais, 1993, p. 38).

A socialização contínua se dá quando, “sem grandes fricções, os jovens são socializados segundo normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas. Nesta perspectiva, as gerações encontrar-se-iam imbricadas como as telhas de um telhado” (Pais, 1993, p. 39), teoria esta predominante nos discursos médicos e psicológicos ao juntarem juventude à crise de puberdade e definir este “período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir à idade adulta”. (Pais, 1993, p 39).

Para a corrente geracional, a renovação e a continuidade da sociedade dependeriam da relação entre as gerações, dialeticamente submetidas a uma a outra forma de tensão. As experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que tem de enfrentar-se com problemas similares.

A questão central está na problemática da reprodução social centrada na análise das relações intergeracionais, ou seja conservação/sedimentação ou não das formas e conteúdos das relações sociais entre gerações.

Para a corrente classista a reprodução social é fundamentalmente vista em termos de reprodução de classes sociais. Para esta corrente, “a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão

sexual do trabalho quer, principalmente, a nível da condição social” (Pais, 1993, p. 44). Esta teoria pode ajustar-se relativamente bem a economias de pleno emprego. A dificuldade que o prolongamento da escolaridade apresenta para adentrar o mundo do trabalho e a degradação material provocada pela situação de desemprego representa um motivo de inquietação para a maioria dos jovens. “o sistema educativo e a condição social dos jovens acabariam por ‘determinar’ que, por exemplo, os filhos de operários se tornassem operários” (p. 44). Haveria assim uma linearidade de certos determinismos nesta posição. Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, entendidas como produto de relações antagônicas de classe. As distinções simbólicas entre os jovens (diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc) são sempre vistas como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intraclassistas. Os rituais dessas culturas acabariam sempre por manifestar uma capacidade de ‘resistência’ (às classes dominantes), ganhando e criando espaços culturais.

Não é definitivo que a fase etária da vida ou o agrupamento em classe social determine a juventude pois não existe homogeneidade por pertencer a uma faixa etária ou classe social. Ambas não podem ser analisadas sem considerar as relações historicamente constituídas e as trajetórias construídas. Desta forma, não se concebe um enquadramento normativo.

Numa perspectiva que se diferencia das anteriores, culturas juvenis aqui parte das dimensões de resistência à classe dominante e ao determinismo social que permite a postura desviante e o funcionalismo, para

entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais (...) É admissível que alguns aspectos das culturas juvenis podem prevalecer ou não segundo os meios sociais e trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem” (Pais, 1993, p. 54)

As culturas juvenis como resultado dos processos de socialização se amplia para a análise dos ordenamentos sociais no âmbito macrossocial (normas de geração, normas de classes sociais, etc) e no âmbito microssocial, entendendo como os indivíduos, cotidianamente, reproduzem e/ou ressignificam essas normas e ainda, criam alternativas à elas.

Antes de estabelecer o entendimento nesta pesquisa de culturas juvenis, necessário se faz, referenciar o conceito de cultura. Das várias vertentes conceituais, partimos do entendimento que cultura significa para além do produto das realizações humanas: expressões artísticas, bens materiais/simbólicos, línguas, crenças, modos de relação mas as teias de significações que o ser humano constroe às suas ações.

As culturas juvenis então abarcam as teias de significações de uma dada parcela da população que é delimitada geracionalmente mas como afirma Pais (1993), é no cotidiano que os múltiplos aspectos da vida social se revelam, cotidiano aqui entendido como rota de conhecimento, portanto, nestas situações cotidianas é que podemos compreender os meandros da categorização etária, e, de forma mais específica, a juventude, uma questão contemporânea, urbana e acadêmica.

É no cotidiano que os jovens tecem seus projetos existenciais e transformam o seu lugar na realidade social. Pode-se, portanto, dizer aqui que o cotidiano é uma espécie de ateliê existencial, onde os jovens experimentam suas potencialidades criativas, criam novas formas de estar no mundo, novas formas de solidariedade e de representatividade social, podendo ser estas contrárias às normas sociais vigentes ou não. Qualquer prática do cotidiano é também iminentemente cultural daí o entendimento que os cotidianos juvenis não devem ser entendidos como cotidianos de alienação, porque são tempos/espços onde se cria/recria e comunica sentido/significado, onde há histórias que os jovens contam a respeito de si próprios e das suas vidas.

Perspectivas para o trabalho

As perspectivas para este trabalho são o aprofundamento da reflexão a partir dos autores apresentados e outros que poderão contribuir nesta pesquisa bem como desdobrar as reflexões acerca da temática aqui assumida na leitura e análise dos dados apresentados pela realidade-campo.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. N. 5 e 6, 1997. 25 a 36 p.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. *Educação e Sociedade*, ano XVII, V.56, p. 388-411. 1996.

_____. *Indústria Cultural e Sociedade*. Tradução por Julia Elizabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Tradução por Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **HORKHEIMER**, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.

AZANHA, José Mário Pires. *Uma idéia de pesquisa educacional*. São Paulo: EdUSP, 1992.

BAITELLO Jr, N. *O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária*. Disponível em <http://www.cisc.org.br/biblioteca/index.html> acessado em 20/10/2003.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1980.

_____. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BETTI, Mauro. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. *Discorpo* 3, outubro, p.25-45, 1994.

BETTI, Mauro (org.). *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. **BRACHT**, Valter. *Educação física & ciência: cenas de um casamento infeliz*. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

BRUYNE, Paul de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Tradução por Ruth Joffily. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução*. In. Lafargue, Paul. O direito à preguiça. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1999.

COSTA, Belarmino César G. *Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos*. Piracicaba, Campinas: Ed. UNIMEP, Autores Associados, 2002.

DAÓLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Movimento*. Ano 2 - n. 2 junho/1995. p. 24 a 28.

_____. Educação Física e cultura. *Corpoconsciência*. Faculdade de Educação Física de Santo André/SP. 1998/1.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.

DE MASI, Domenico (org.). *A economia do Ócio*. Tradução por Carlos Irineu W. da Costa, Pedro Jorgensen Júnior e Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

FERES NETO, Alfredo. *Virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas: implicações para a Educação Física*. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12, Anais.... Caxambú: 21 a 25/10/2001 (CD Rom)

_____. Produção de subjetividades, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Felix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. *Revista Motrivivência*, nº17, p. 69-84, 2002.

FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: socializando através de comunicação despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: artes médicas, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação: fruir e pensar a tv*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GOMES, Francelino de Araújo. *Pesquisa e análise de conteúdo: Mass media*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições, s/d..

GOMES, Pedro Gilberto e **COGO**, Denise Maria (orgs.) *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinos, 1998..

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. DIFEL, s/d.

HELLER, Ágnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Nova-Grafik: 1994.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KUNZ, Elenor. *Transformações didática-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora Unijui, 1994.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução por Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

- _____. (org) *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MASCARENHAS**, Fernando. *Lazer como prática da liberdade*. Goiânia: Cegraf, 2000.
- MOLINA NETO**, Vicente. **TRIVIÑOS**, Augusto Nivaldo Silva. *A pesquisa qualitativa na Educação Física*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- PADILHA**, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea, 2000.
- PAIS**, José Machado. *Vida Cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PIRES**, Giovani De Lorenzi. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002a.
- _____. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. *Corpoconsciência*. 1º semestre de 2002, p. 23-39, 2002b.
- _____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista da educação física/UEM*, v.9, n.1, p.25-34, 1998.
- PIRES**, G. L.; **HACK**, C. *Verbete Mídia* In: Werneck, C. (org.) *Dicionário Crítico de Lazer - no prelo*
- SANTIN**, Silvino. *Textos Malditos*. Porto Alegre: Edições EST, 2002.
- THOMPSON**, John B. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- ZUIM**. Antônio Alvaro Soares, **RAMOS-DE-OLIVIERA**, Newton; **PUCCI**, Bruno (Orgs.). *Teoria Crítica, estética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2001.
- _____. *Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, EdUFSCar, 1998.
- WOLF**, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.